

EDUCAÇÃO EMOCIONAL, INCLUSÃO E EMPODERAMENTO: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO PARA OS/AS PROFISSIONAIS DA FUNAD

Taísa Caldas Dantas (Autora) Keliane Lachietti Vieira de Melo (Co-Autora); Caroline Cunha Aranha (Co-autora); Maria Bianca da Silva Souza(Co-autora)

Universidade Federal da Paraíba, Kelilachietti@outlook.com; Universidade Federal da Paraíba, Caroline.aranha@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba, Maria-biancapb@hotmail.com ; Universidade Federal da Paraíba, Taisa.cd@hotmail.com

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como a educação emocional pode contribuir para a formação dos profissionais da educação especial. O interesse por essa temática surgiu dentro do grupo de pesquisa Educação emocional a partir do qual foi despertada a necessidade de conhecer como a educação emocional pode contribuir para o autoconhecimento do profissional e, conseqüentemente, seu empoderamento e melhor gestão do seu trabalho com as pessoas com deficiência.

As pessoas com deficiência trazem consigo marcas de exclusão devido a todo o seu contexto histórico que é marcado pela desigualdade social no que se refere aos seus direitos e sua atuação como indivíduo autônomo na sociedade. Essa exclusão permeia todas as áreas de sua vida, quais sejam: familiar, educacional, profissional, dentre outras; levando muitas vezes ao isolamento do indivíduo com deficiência, fortalecendo nele (a) o sentimento de incapacidade.

Durante muito tempo a pessoa com deficiência era excluída do convívio social devido a predominância do modelo médico patológico na sociedade. Tal contexto é reconhecido na literatura como nocivo ao processo de construção da autonomia de pessoas com deficiência, uma vez que por causa deste modelo esses indivíduos têm sido segregados, isolados, “patologizados” e considerados incapazes, por séculos (GODOY, 2002; FERREIRA, 2004; GLAT, 2004; JANNUZZI, 1985; SOARES, 2010). A concepção médica-patológica, na qual está enraizada a educação das pessoas com deficiência desde o século XIX e que traz conseqüências até hoje para a vida delas, concebe as pessoas com deficiência como indivíduos que têm problemas físicos que precisam ser curados, tratando-as como “doentes e incapazes” em relação ao modelo de normalidade (GOGOY, 2002), segundo o qual são vistos todos aqueles que não possuem deficiência.

Dentro desse contexto a escola como instituição social deveria cumprir com o seu papel de colaborar para o desenvolvimento social dos indivíduos e não apenas para a sua inserção física. Esse público possui acesso à educação, todavia a educação oferecida não é de qualidade, logo

permanecem excluídos devido ao despreparo dos docentes repercutindo em atitudes preconceituosas e gerando barreiras atitudinais na convivência com seus pares.

Sabe-se que nos tempos atuais muitos problemas têm como base fundamental as emoções humanas. O ser humano é intimamente ligado às emoções, e deste modo, se faz necessário que esteja em busca deste equilíbrio entre mente e corpo. O essencial é o conhecimento das suas emoções, é descobrir a si mesmo (CASASSUS, 2009).

Nesse contexto, percebe-se a relevância de preparar o emocional destes profissionais que lidam de maneira próxima com as pessoas com deficiência, identificando as suas emoções. A partir do autoconhecimento é possível compreender e gerir melhor a forma de atuar no meio social. Tendo um conhecimento maior sobre si mesmo e sobre as emoções do ser humano, é possível melhorar o trabalho realizado com as pessoas com deficiência e contribuir para o empoderamento desse grupo social. Comumente tais pessoas sofrem o conflito interno por terem a consciência de suas limitações e o conflito social que também diariamente lhes é colocado em cheque pela sociedade a qual ainda está em construção quanto à aceitação e respeito aos que não são vistos e tidos como ‘normais’.

A Educação Emocional (EE) surge como campo cujas atividades colaboram para a quebra da rigidez e a falta de afetividade presente nos espaços sociais. As emoções passam a ser vistas como fontes essenciais ao desenvolvimento integral de todos os indivíduos, especialmente daqueles que são historicamente vítimas de marginalização e exclusão social como ocorre com grupo constituído pelas pessoas com deficiências (BISQUERRA, 2000).

A EE é um processo educativo contínuo e permanente e atua como ação indispensável e um conjunto de necessidades sociais apresentadas pelos estudantes, as quais não vem sendo satisfatoriamente atendidas pela educação formal. É necessário avançar no sentido de compreender que a Educação Emocional não é um complemento da educação cognitiva; ela é face da formação humana constituindo-se organicamente com um, de vários elementos que compõem a unidade do ser (VALLÉS, 2003). A mesma se torna um caminho para confrontar os preconceitos e estereótipos que guardamos dentro de nós e que muitas vezes são responsáveis por nos impedir de enxergar a realidade, contribuindo assim para o empoderamento e transformação pessoal.

O conceito denominado *empowerment* surge nos Estados Unidos com o propósito de promover a participação social igualitária e a democratização política. No Brasil, Sasaki (1997, p.39) relacionou este conceito à vida das pessoas com deficiência como um processo de

“empoderamento, fortalecimento, potencialização e até energização” no combate às situações de desvantagem social, tais como pobreza, discriminação, opressão, preconceito (GOHN, 2004).

A escola e demais instituições especializadas voltadas para as pessoas com deficiência necessitam de projetos educacionais inovadores que acompanhem o ritmo das transformações deste século e que se direcionem para uma educação ampla que contempla não apenas conteúdos de aprendizagem de natureza cognitiva, mas também a dimensão emocional. Acreditamos que a educação a partir das emoções é capaz de colaborar com o empoderamento dos docentes e profissionais e também das pessoas vulnerabilizadas, como é o caso daquelas que possuem deficiência, e ademais, beneficiar suas famílias e toda a comunidade.

Por essa razão, a proposta deste projeto de educação emocional teve como prioridade os profissionais da educação especial que trabalham com as pessoas com deficiência em uma instituição governamental, uma vez que são estes profissionais que colocarão em movimento os conhecimentos adquiridos e vivenciados junto ao grupo de pessoas com deficiência e seus familiares que frequentam a FUNAD.

A realização deste projeto se deu através de uma série de ações. Primeiramente foi realizada uma conversa formal com os diretores de cada área da fundação para definir estratégias de implantação do projeto com os profissionais da instituição. Seguidamente, foi aplicado com todos os profissionais envolvidos o Inventário de Educação Emocional Gonsalves (IEEG), buscando assim, um diagnóstico emocional dos educadores.

A partir dos resultados obtidos, foram organizadas, três vivências, nas quais foram trabalhadas as emoções Ansiedade, Alegria e Felicidade. Foram escolhidas essas emoções como consequência da análise do inventário (IEEG). Os temas foram aqueles que constituem a base da educação emocional, sempre os relacionando com as demandas que perpassam a educação especial.

Para os momentos de estudos e elaboração das vivências foram utilizados textos para a leitura e discussão; dinâmicas; músicas; vídeos e outros recursos que se fizeram necessário. As vivências se consolidaram através de atividades como: dinâmicas de grupo; momentos para autorreflexão, relaxamento e socialização, objetivando o desenvolvimento de competências emocionais, tais como, consciência emocional regulação das emoções, motivação e habilidades sócio emocionais.

As diversas situações sociais que acontecem no cotidiano das pessoas com deficiência e seus pares geram determinadas emoções, sentimentos e estados de ânimo. Dessa forma, os/as

profissionais da Educação Especial devem aprender a identificar, expressar, avaliar e gerir de uma maneira socialmente inteligente as emoções junto às pessoas com deficiência.

Por meio da pesquisa, na qual foi aplicado o Inventário de Educação Emocional Gonsalves (IEEG) e a partir dos resultados obtidos pelas respostas dadas, percebeu-se que os profissionais apresentaram altos níveis de ansiedade, cansaço, tristeza, não reconhecia seu valor como profissional e apresentavam baixa estima. Ao analisar os dados, os resultados apontaram a necessidade de se trabalhar a educação emocional no cotidiano destes profissionais, a fim de gerar melhor desempenho de suas atividades laborais e de uma consciência para o autocuidado. A educação Emocional (EE) caracteriza-se como um processo capaz de desenvolver tais potencialidades, no sentido de contribuir com a formação dos profissionais que trabalham com as pessoas com deficiência na perspectiva de uma prática integral e afetuosa.

A partir do desenvolvimento das vivências durante a realização do projeto, conseguimos comprovar que a Educação Emocional caminha para a construção de uma educação que valoriza o mundo individual de cada ser humano e nos permite viver melhor. Em um primeiro momento, o essencial é o conhecimento do seu próprio mundo emocional, é fazer o aprendizado de suas emoções, é descobrir a si mesmo. Em seguida, a Educação Emocional se torna um caminho para confrontar os preconceitos e estereótipos que guardamos dentro de nós e que muitas vezes são responsáveis por nos impedir de enxergar a realidade, contribuindo assim para o empoderamento e transformação pessoal.

Referências:

BISQUERRA, Rafael Alzina. **Educación Emocional y Bienstar**. Espanã. Wolter Kluwer Educación. 2000.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação Emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livros Editora, 2009

FERREIRA, Windyz Brazão. **Invisibilidade, crenças e rótulos**: reflexão sobre a profecia do fracasso educacional na vida de jovens com deficiência. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE SÍNDROME DE DOWN FAMÍLIA, AGENTE DA INCLUSÃO, Salvador, 09 a 11 de setembro, 2004. **Anais...** Salvador: Federação da Síndrome de Down, 2004.

GLAT, Rosana. **Auto-defensoria/ Auto-gestão**: movimento em prol da autonomia de pessoas com deficiência mental – uma proposta político-educacional. Anais do 9º Congresso Estadual das APAEs de Minas Gerais. Disponíveis em CDRom. Belo Horizonte/MG, 2004.

GODOY, H. P. **Inclusão de alunos portadores de deficiência no ensino regular paulista**: recomendações internacionais e normas oficiais. São Paulo: Mackenzie, 2002.

GOHN, Maria da Glória. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**. v.13. n.2. p. 20-31, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n2/03.pdf>>.

JANNUZZI, G. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1985.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: Editora WVA, 1997.

SOARES, Alessandra Miranda Mendes. **Nada sobre nós sem nós**: formando jovens com deficiência para o exercício da autoadvocacia. João Pessoa: UFPB, 2010.

VALLÉS, A. y Vallés, C. (2003). La autorregulación para el afrontamiento emocional. En Vallés, A. y Vallés, C. (2003). *Psicopedagogía de la Inteligencia Emocional*. Valencia: Promolibro.